



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH III
Colegiado de Pedagogia

CLEIDIANE FERREIRA DA SILVA
JOZELY SAMARA CARDOSO SANTOS

**O OLHAR NARRATIVO DE ALUNAS DA MULTISSÉRIE: PERCORRENDO
CAMINHOS, REVELANDO HISTÓRIAS.**

Juazeiro-BA

2021

**CLEIDIANE FERREIRA DA SILVA
JOZELY SAMARA CARDOSO SANTOS**

**O OLHAR NARRATIVO DE ALUNAS DA MULTISSÉRIE: PERCORRENDO
CAMINHOS, REVELANDO HISTÓRIAS.**

Memorial de Projeto Experimental em cumprimento às exigências do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus III, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientador(a): Me. Adeilda Ana da Silva Martins

**Juazeiro-BA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586o Silva, Cleidiane Ferreira da

O olhar narrativo de alunas da multissérie: percorrendo caminhos, revelando histórias / Cleidiane Ferreira da Silva; Jozely Samara Cardoso Santos. Juazeiro-BA, 2021.

53 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Esp. Adeílda Ana da Silva Martins.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2021.

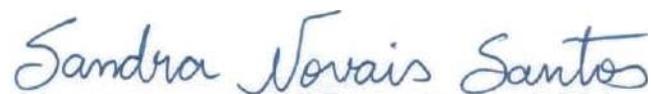
1. Classes multisseriadas – Narrativas. 2. Educação do campo. 3. Educação contextualizada. I. Martins, Adeílda Ana da Silva. II. Santos, Jozely Samara Cardoso Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 370.71

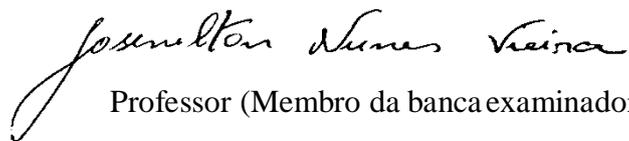
O OLHAR NARRATIVO DE ALUNAS DA MULTISSÉRIE: PERCORRENDO CAMINHOS, REVELANDO HISTÓRIAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do estado da Bahia, Campus III, como requisito parcial para conclusão do Componente Curricular TCC II.

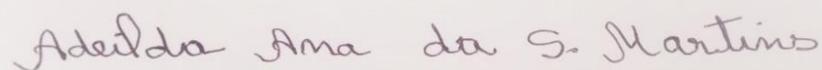
Aprovada em: 06/07/2021



Professor (Membro da banca examinadora)



Professor (Membro da banca examinadora)



Professor (Orientador)

DEDICATÓRIA

A nossos avós, pessoas de extrema importância em nossas vidas, que apesar de serem pessoas humildes, que não tiveram oportunidade de estudar, sempre passaram valiosos ensinamentos pra nós. Homens e mulheres fortes, que construíram suas famílias baseado no princípio do trabalho, da honestidade e do amor.

É por isso, que sentimos um privilégio enorme em ser suas netas.

A vocês a nossa eterna gratidão!

AGRADECIMENTO

Agradecemos primeiramente a Deus pela nossa vida e por ter nos ajudado a vencer todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

A nossa família, principalmente aos nossos pais, por todo apoio e amor incondicional em todos os momentos de nossas vidas.

A todos os professores que sempre estiveram dispostos a contribuir para o melhor aprendizado, em especial a nossa prezada e querida orientadora pela a dedicação, compreensão e paciência.

A nossos colegas de turma que compartilharam conosco aprendizados que levaremos para toda vida. Especialmente aquelas que se tornaram amigas, Aloana Ramos, Aynezaine Carvalho e Rita de Cássia Ferreira nossa eterna gratidão pelas palavras de incentivo e os conselhos, todo o apoio foi essencial para que conseguíssemos seguir em frente.

Agradecemos também a nossa instituição de ensino, por ter nos dado a oportunidade de concluir este ciclo de formação profissional de maneira muito satisfatória.

Enfim, agradecemos a todas as pessoas que de alguma forma direta ou indiretamente, fizeram parte dessa nossa etapa tão decisiva em nossas vidas.

"Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre."

(Conceição Evaristo)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. PELOS OS CAMINHOS DA NARRATIVA: O REGATE DE NOSSAS MEMÓRIAS	12
2.1 Narrativas1: minhas raízes...	12
2.2. A vizinha que fazia o papel da professora	13
2.3. As cavalgadas rumo ao aprendizado	14
2.4. Contexto da minha primeira escola de sala multisseriada	15
2.5. Contexto da minha segunda escola de sala multisserida	16
2.6. A prática docente em sala multisseriada em escola do campo	18
2.7. A dedicada professora Almira	19
2.8. Lembranças da infância de uma aluna de sala multisseriada do campo	20
2.9. Narrativa 2: Contextualizando a escola	22
2.10.A escola antes:	23
2.11. A escola hoje:	23
2.12. A escola e o povoado:	24
2.13.Minha infância no campo	25
2.14.Iniciando minha caminhada escolar	26
2.15.Aluna e tutora da classe multisseriada	29
2.16.Meus pais meus maiores incentivadores	29
2.17. O início da realização de um sonho	30
2.18. Segundo passo em busca do sonho de ser professora	31
2.19. De volta as minhas raízes	31
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
3.1. Contextualizando sala multisseriada	38
3.2. Contextualizando a literatura de Cordel	40
4. RESULTADOS DO CORDEL	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
7. APÊNDICES:-	48

1. INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa consiste em analisar o contexto das salas Multisseriadas e da Educação do Campo, buscando compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem nesse espaço diversificado, resgatando as experiências das pesquisadoras enquanto alunas dessa modalidade de ensino e, a partir desse contexto, produzir um cordel reavendo aspectos dessa nossa caminhada.

A escolha do cordel como produto midiático se deu por ser uma literatura nordestina que valoriza e representa a identidade da população do campo, nesse sentido consideramos que a produção do cordel vai contemplar a sua função social de informar e questionar, mas também proporcionar alegria aos leitores.

O interesse em realizar essa pesquisa se dá em decorrência de experiências vividas ainda na infância onde as investigadoras em questão, fizeram parte de turmas Multisseriadas em escolas da zona rural de Juazeiro – BA. Ainda que em escolas diferentes, as experiências são semelhantes. Por esse motivo a nossa curiosidade em entender melhor como se faz a organização, como é a prática em uma turma tão diversificada, as estratégias para desenvolver o ensino-aprendizagem, os desafios de ser educador (a) em uma escola do campo; como lidar com as dificuldades que se encontram nas salas Multisseriadas e escolas do campo; Em meio a tantas dúvidas, surgiu assim o interesse em buscar respostas para tantos questionamentos.

Sabemos que, as escolas da zona rural enfrentam muitas dificuldades por ser distante da sede e as secretarias usam esse argumento para dificultar o acesso de tecnologias, projetos que visam a melhoria dessas escolas, entre tantos outros recursos ofertados as escolas da sede, enquanto as da zona rural são “esquecidas”. Por isso, defendemos a urgência de políticas públicas específicas para as escolas do meio rural, para que os alunos do campo recebam educação de qualidade e tenham garantia que todas recebam os mesmos recursos mas, de acordo com a sua realidade, ajustadas de maneira que condiz com a necessidade dos alunos.

Vale ressaltar que, nas comunidades onde não tem alunos suficientes para formar turmas de um único ano escolar, a sala multisseriada é a maneira viável, que as secretarias de educação encontram para não deixar os alunos sem estudos ou terem que sair da sua localidade até a sede do município para assim ter acesso ao ensino.

A problemática da pesquisa é “os docentes de classes multisseriadas enfrentam dificuldades em sua prática pedagógica para garantir o ensino-aprendizagem das crianças?”

Assim, é de fundamental importância que se analise como se dá esse processo, as estratégias usadas por esses profissionais para que se consiga alcançar as propostas estabelecidas pelo município.

O objetivo geral é compreender a relação e a trajetória da Educação do Campo e o Ensino Multisseriado, trazendo as nossas narrativas como base da pesquisa.

Os objetivos específicos são relatar nossas experiências no processo ensino multisseriado da Educação do Campo; verificar se a Educação Contextualizada esteve presente nas salas de aulas multisseriadas na Educação do Campo; produzir um cordel, com base em nossas narrativas do processo de Ensino Multisseriado na Educação do Campo.

A metodologia de nossa pesquisa é de abordagem qualitativa, pois se constitui na análise das nossas narrativas, enquanto alunas do ensino multisseriado, na revisão de bibliografias, pesquisa documental (fotografias).

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória, com o objetivo de buscar novos conhecimentos que possam ajudar analisar a trajetória da Educação do Campo e da Educação Contextualizada em salas de aula multisseriadas da zona rural de Juazeiro-BA. Para Gonsalves (2003,p.65),

a pesquisa exploratória se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de fornecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado "pesquisa de base" pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Se constitui em pesquisa narrativa, pois o estudo é baseado no narrar histórias de experiências vividas no ensino multisseriado da Educação do Campo, no município de Juazeiro-BA. Colaborando com esta ideia (SOUZA, 2004,p.168) fala que:

[...] a pesquisa narrativa de formação funciona como colaborativa, na medida em que quem narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação através da investigação-formação de si.

Tendo em vista todas as dificuldades que estamos vivendo, neste momento de pandemia e o tempo para a sua realização, essa foi a alternativa para construir o

nosso projeto. Vale destacar que nossa análise fundamenta-se em nossas narrativas, que culminou na elaboração de um cordel como produto midiático.

A pesquisa é baseada em estudos de autores, como por exemplo CARVALHO (2019), DUARTE (2019), MENEZES (2019) e SOUZA (2019); entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

No primeiro capítulo embarcamos em nossas trajetórias escolares, narrando os fatos e acontecimentos que marcaram nossas vidas, na Educação do Campo em turmas Multisseriadas, entrelaçadas por nossa infância e tudo que cabe nela. Toda essa nossa narrativa resgatada serviu como fonte de consulta na produção do produto midiático, o cordel. O que justifica ainda, esse primeiro capítulo no corpo do texto foi que o mesmo também serviu de base no aprofundamento teórico das temáticas tratadas do estudo em tela. O que implicou na obtenção de possíveis respostas/ análises e reflexões para os questionamentos levantados nesse estudo, a respeito do Ensino Multisseriado no Campo. Outra questão para inclusão desse capítulo foi que para que nossos possíveis leitores possam ter mais informações a respeito das experiências vivenciadas pelas pesquisadoras e, assim compreender melhor, com mais detalhe o cordel construído.

No segundo capítulo, está o referencial teórico onde embasamos a nossa pesquisa, descrevendo os principais autores que tratam da temática Educação do Campo e Ensino Multisseriado e em seguida descrevemos também o referencial teórico do produto midiático que é a Literatura de Cordel, retratando as suas principais características: o conceito, o histórico, as funções do Cordel tanto para os leitores quanto para o seu uso na educação/ em sala de aula, etc.

No terceiro capítulo, está o resultado do produto midiático – o cordel, onde mostramos a quem é destinado, o nosso propósito, a capa do cordel e os custos que tivemos.

Nas considerações finais, expomos as reflexões a respeito das nossas vivências enquanto alunas do Ensino Multisseriado na Educação do Campo e os possíveis resultados obtidos.

O produto midiático (Cordel) escrito pelas pesquisadoras encontra-se no apêndice do memorial.

2. PELOS OS CAMINHOS DA NARRATIVA: O REGATE DE NOSSAS MEMÓRIAS

2.1 NARRATIVAS 1: MINHAS RAIZES...

Sou Cleidiane Ferreira da Silva, nasci e fui criada na localidade Roça Grande, distrito de Pinhões, Juazeiro/Bahia. Neste lugar passei a minha infância, minha adolescência e parte de minha vida adulta, até hoje guardo memórias inesquecíveis deste local. Sempre que posso estou indo visitar meus pais e meus irmãos que até hoje moram nesta comunidade.

Foto 1: Família da pesquisadora 1.



Arquivo pessoal: a pesquisadora, o irmão, a mãe e o pai.

Toda a minha trajetória escolar do ensino fundamental I, foi em escolas do campo em salas multisseriadas, com turmas formadas pela a junção de anos escolares 1ª a 4ª séries (hoje 1º ao 5º ano). A primeira escola frequentada foi a Escola Santo Antônio que ficava localizada no povoado de Porcos, isso mesmo “porco” parece estranho, mas este é o nome do povoado. Nesta escola estudei da 1ª a 2ª série. Já a segunda escola frequentada foi Escola São Lucas, que ficava localizada no povoado Lagoa das Pedras dos Grilos, nessa escola estudou da 3ª a 4ª série.

Ambas as escolas eram visíveis às inúmeras dificuldades de funcionamento. Em especial aos livros didáticos totalmente fora da realidade da vida do campo, a fragmentação de anos escolares e o ponto que considero mais negativo era a sobrecarga de trabalho que as professoras tinham que assumir, como merendeira, faxineira, secretaria e tantas outras funções.

No argumento de (HAGE e ROCHA, 2015, p.31 e 32) eles defendem que;

A escola do campo multisseriada precisa ser situada em um momento de reformulação do projeto político-pedagógico e do currículo, como forma de superar a visão meramente instrumental de ensinar e aprender, focada no quadro e no livro didático, fragmentada pelas séries [...]

Essas limitações sempre estiveram presentes na escola do campo e principalmente em sala Multisseriadas, situação que afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

Outra situação muito presente na zona rural é a idade que muitas crianças começam a frequentar a escola. Foi o que aconteceu comigo, só comecei a frequentar a escola aos nove anos de idade, porque a minha mãe teve um atrito com a professora que ensinava as crianças da localidade mais próxima da minha casa. Por este motivo eu e meu irmão ficamos sem aula, a professora não quis nos ensinar. Minha mãe por ser uma pessoa analfabeta e não conhecer seus direitos me deixou ficar dois anos sem frequentar a escola. No entanto, eu já conhecia as letras e os números, porque alguns meses minha mãe conseguiu pagar uma vizinha para nos ensinar.

2.2. A VIZINHA QUE FAZIA O PAPEL DA PROFESSORA

Essa pessoa que minha mãe pagava para nos ensinar era uma moça da comunidade vizinha que já dava aula para as crianças que ainda não tinha a idade completa para frequentar a escola. Na década de noventa no interior de Juazeiro - BA, as crianças só começavam a ir para a escola depois dos sete anos.

O nome desta vizinha era Lucia, mas nós a chamávamos de professora Lucinha. Uma pessoa que só tinha estudado até a 4º série do ensino fundamental I, mas com uma inteligência, uma paciência tão grande, que as crianças aprendiam com muita facilidade. O espaço usado para nos ensinar era o alpendre do fundo da casa do seu pai, o senhor Raimundo de Ana.

Lembro que as aulas eram muito divertidas, ela costumava cantar e brincar para ensinar, eram aulas muito dinâmicas e isso com certeza era o que mais facilitava o aprendizado das crianças da minha turma, porque a música prendia a nossa atenção e as brincadeiras faziam parte de um universo lúdico-prazeroso.

A ludicidade na Educação Infantil é essencial pra as crianças se apropriarem do sistema de leitura e escrita, me recordo que essa “professora” levava caixas de fósforo, caroços de feijão etc. e desenhava as letras em papelão para brincar conosco de qual era a letra, por exemplo.

A prática lúdica e carinhosa dessa “professora” foi fundamental para a minha apropriação do sistema de escrita, com ela aprendi os números e as letras, foi o meu início no embate com a leitura e a escrita mais elaboradas no processo de ensino e aprendizado.

2.3. AS CAVALGADAS RUMO AO APRENDIZADO

A primeira escola oficial, onde iniciei meus estudos ficava muito distante da minha casa, o meu pai chegou a comprar duas bicicletas para eu ir para a escola com meu irmão, mas, por conta da distância, do caminho cheio de areia e de pedregulhos, não conseguimos chegar à escola. Cansamos no meio do caminho, depois desse dia passamos a ir montados no lombo de um jumento. Eu era quem segurava as rédeas do jumento, ou melhor, deveria segurar. Por que o jumento derrubava a gente quase todos os dias, não podia passar uma lagartixa na vereda que nós já estávamos no chão. Lembro-me de um episódio que ao sair da escola um dos colegas de sala, mexeu no traseiro do jumento, este dia levei a maior queda de minha vida, cheguei a rachar a cabeça, só voltei pra casa porque um vizinho da escola nos trouxe de motocicleta. Outro fator que o aluno da zona rural tem que conviver é as diversidades climáticas presente no semiárido e comigo não foi diferente, quando não era um sol escaldante era a chuva. Todos os dias era uma vitória chegar até a escola. Como já dizia (ARROYO, CALDART E MOLINA, 2011, p.13) “as reflexões que abarcam a complexidade dos problemas da Educação do Campo, não podem ser compreendidas sem se analisar a dificuldade maior a sobrevivência no espaço rural, na sociedade brasileira”

Muitas crianças que moram na zona rural precisam se deslocar das suas casas até a escola, que muitas vezes ficam a quilômetros de distância, as dificuldades são

diárias, todos os dias tem que vencer um obstáculo diferente para ter direito a educação. Sem dúvida nenhuma posso afirmar que o deslocamento para a escola foi à parte mais sofrida da minha trajetória escolar e ao mesmo tempo, engraçada que me rendeu muitas histórias. Sou só uma entre tantas outras crianças, que precisam sobreviver diariamente às complexidades da vida do campo.

Ficávamos felizes no dia que o meu pai dizia que ia nos levar de carro, mas era muito raro, porque ele era muito ocupado. O carro era uma picape velha, de cor azul com a carroceria de madeira. Lembro que meu pai, nos chamava para ir na cabine com ele mas, nós sempre preferíamos a carroceria para observar melhor a paisagem do caminho.

Atualmente, as crianças que moram longe da escola tem acesso ao transporte escolar para transportá-las. Diminuindo as dificuldades, mas, isso não significa que todos os problemas foram resolvidos. As crianças precisam sair de casa muito cedo e conseqüentemente chegar muito tarde de volta a suas casas, em estradas de chão de péssima qualidade, convivendo diariamente com a poeira do período de seca e a lama do período das chuvas.

2.4. CONTEXTO DA MINHA PRIMEIRA ESCOLA DE SALA MULTISSERIADA

A escola não tinha uma sede, funcionava em uma casa cedida por uma pessoa da comunidade que ficava ao lado da casa da professora, a senhora Dona Luzia. Como a maioria das escolas espalhadas pelo o campo, a infraestrutura desse espaço era péssima, as paredes sem reboco, as cadeiras eram bem desconfortáveis, não tinha banheiros, as necessidades fisiológicas eram feitas no mato. Na verdade faltava tudo. Em compensação o que tinha era a dedicação da professora e a boa vontade dos alunos, o restante era tudo muito improvisado. Sem falar que a escola funcionava muito longe da minha casa e a professora era leiga e acumulava muitas funções de ordem operacionais.

Infelizmente a memória falha e não consigo me lembrar de muita coisa do primeiro dia de aula, só do medo e da ansiedade para conhecer a professora e os novos colegas mas, ao mesmo tempo estava muito feliz porque ia conhecer coisas novas e o principal ia aprender a ler e escrever.

Mas, apesar de toda a precariedade das condições existentes da sala de aula Multisseriada, foi nesse espaço que eu aprendi a ler e a escrever, me recordo muito

bem do dia que comecei a ler, foi um dia que a professora disse que ia nos ensinar as sílabas das palavrinhas. Quando a professora começou a soletrar as silabas: BA-BE-BI-BO-BU/ LA-LE-LI-LO-LU.

Neste momento descobri o mundo por trás das letras, fiquei completamente fascinada, encantada com aquela descoberta. Quando cheguei em casa almocei bem rápido e fui logo para o meu quarto, peguei um livro e comecei a soletrar as palavras, lembro o quanto minha mãe ficou emocionada, por já está conseguindo ler algumas palavras. Depois desse dia sempre quando chegava da escola, pegava a bíblia ou um livro qualquer para ler para os meus pais alguma coisa e eles ficavam cheios de orgulho.

Nessa escola estudei até a segunda série do Ensino Fundamental I (hoje 3º ano). Até hoje me recordo das pessoas e das amizades que construí nesse espaço, cheio de tantas dificuldades e diversidade múltiplas mas, que foi tão importante no meu desenvolvimento.

2.5. CONTEXTO DA MINHA SEGUNDA ESCOLA DE SALA MULTISSERIDA

Essa escola diferente da primeira funcionava bem mais próxima da minha casa e a infraestrutura da escola pra época era ótima, era um prédio com banheiros feminino e masculino, uma cantina, um espaço para guardar material escolar, uma sala bem arejada, um quadro a giz, cadeiras e uma cisterna para abastecer os banheiros e a cantina, o que não tinha era um espaço de lazer para os alunos.

Foto 2: Escola em que a pesquisadora 1 frequentou.



Arquivo pessoal: Inauguração da escola na Lagoa das Pedras dos Grilos

Esta é uma foto da inauguração da escola em março de 1992. No entanto, a escola já existia desde 1977, funcionando na casa do pai da professora, a senhora Almira.

Nessa escola consegui concluir meu Ensino Fundamental I, e em seguida continuei meus estudos na Escola Antonila da França Cardoso, onde estudei até concluir o Ensino Médio. A escola agora já tinha uma estrutura bem melhor das escolas anteriores.

Hoje a escola São Lucas não funciona mais, o espaço que antes tinha finalidades educativas, atualmente tem sido usado pela associação de moradores em reuniões para discutir os interesses da comunidade e eventos religiosos.

Ao longo do tempo, muitas mudanças positivas na educação aconteceram nestes povoados. Todo o ensino, desde o Educação Infantil até ao Ensino Médio agora é oferecido pela Escola núcleo (Escola Antonila da França Cardoso) no povoado de Angico que dispõe atualmente de:

- Sala de direção;
- Secretaria;
- Biblioteca;
- Cantina;

- Almoxarifado;
- Refeitório;
- Quatro banheiros (2 deles com acessibilidade);
- Sala dos professores;
- Sala de recurso (AEE- Atendimento Educacional Especializado)
- Bebedouro (antes utilizávamos um balde enorme com uma torneira);
- Laboratório de informática;
- Alojamento para professores (disponibilizado para professores que vêm da sede do município);
- Cinco salas de aula;
- Cisterna (reservatório de água).

A escola também conta com mais de 30 funcionários, sendo a maioria das comunidades vizinhas.

Outra coisa importante é o fato que todos os alunos destes povoados tem acesso ao transporte escolar, não precisam mais percorrer longas distancias a pé, como foi o meu caso nos anos 1994 e 1995, que todos os dias para chegar à escola percorria vários quilômetros.

2.6. A PRÁTICA DOCENTE EM SALA MULTISSERIADA EM ESCOLA DO CAMPO

No que concerne ao trabalho docente, hoje como pedagogas ao olharmos a nossa caminhada de alunas de turmas multisseriadas, percebemos que as professoras tinham muitas dificuldades de conduzir as aulas. Era notório que elas não foram preparadas para a prática em sala Multisseriada. A educação Multisseriada sempre foi invisibilizada, existia mas, as Secretarias de Educação nem sempre sabiam orientar os professores. Então, os professores na tentativa de acertar, trabalhavam a classe Multisseriada como se fosse seriada, por séries, por anos escolares.

Geralmente as professoras dividiam a turma por série, o quadro era dividido em quatro partes, cada série tinha a sua parte no quadro.

As professoras usavam de estratégias, para facilitar o processo de ensino e

aprendizado, os alunos que iam terminando o exercício deveria ir ajudar o colega que ainda não tinha terminado, além de ajudar no desenvolvimento de todos, evitava os conflitos entre os colegas.

Além de todas as demandas que a sala Multisseriada exige, a profissão de professora tinha também outros fins. Lembro das muitas vezes, que nós alunos ajudávamos a professora a limpar a sala de aula e colocar água no filtro de barro, para não atrasar o começo da aula.

TARDIF e LESSART (2014, p.195) no livro “O trabalho docente” dizem que,

[...] aspectos importantes da docência: seus fins. Todo trabalho humano possui fins, que se manifestam sob diversas formas no decorrer da ação: motivo, intenções, objetivos, projetos, planos, programas, planejamentos, etc. Esses fins podem ser formalmente declarados e apresentados, ou nascer durante a ação, por exemplo, pela a pressão das circunstâncias.

A professora exercer essas variedades de funções, infelizmente era a única forma viável na época pra as escolas do campo existirem.

2.7. A DEDICADA PROFESSORA ALMIRA

Esta professora era uma pessoa que só tinha concluído o Ensino Fundamental I, ou seja, estudou até a 4º serie (hoje 5ºano) portanto, uma professora leiga. De acordo com GESTRADO (2021) o professor leigo:

“É o profissional que exerce o magistério sem possuir a habilitação mínima exigida. Segundo o Thesaurus do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP, do Ministério de Educação – MEC, trata-se da pessoa que trabalha como docente, sem ter terminado o curso necessário que lhe permita obter o título correspondente ao nível de ensino em que leciona. São pessoas que lecionam sem ter concluído o curso que as habilitam ao exercício do magistério no nível de ensino em que atuam.”

Apesar de todas as dificuldades, ainda assim, a professora conseguia fazer uma relação dos saberes do livro didático com os saberes locais, o que atualmente chamamos de Educação Contextualizada. Acho que sem saber mas, por ela ser filha daquela comunidade, fazer parte da cultura do povo que ali viviam, ela conhecia tão bem as necessidades daquele povo. Como não tinha um currículo que atente as necessidades dos alunos, essa era uma forma de facilitar o entendimento dos alunos.

Como argumenta RAMOS (2017, p.28) “é preciso fazer um currículo que imbrigue a essas identidades, que produzam positivamente a identidade e que seja

produzido por essas.” Acho que de maneira despercebida era isso que a professora Almira tentava fazer, ou seja, uma Educação Contextualizada que permitia ao aluno se sentir inserido no ambiente escolar. Os conteúdos trabalhados quase sempre tinham uma conexão com os saberes locais. Lembro que uma semana que estávamos estudando o ecossistema, a professora levou os alunos para uma lagoa que ficava próxima a escola e pediu para nós anotarmos tudo que encontrasse na lagoa, depois quando nós voltamos para a sala de aula, ela explicou que todos os seres vistos era um ecossistema que interagiam no espaço da lagoa, foi muito interessante. Essa valorização permitia aos alunos uma nova visão do semiárido e conseqüentemente uma visão ampla do mundo.

Teve um período na 4^o serie que a professora, a senhora Almira teve que se ausentar da sala de aula. Para substitui-la veio uma professora da sede, atuar na escola. Foi um período de muitas insatisfações, essa professora só abordava assuntos totalmente fora da nossa realidade, ela não conhecia nossa realidade e nem procurou conhecer. Infelizmente a professora estava presa muito a vida urbana, e não conseguiu realizar o seu papel de agente transformador e sua passagem na escola não foi muito positiva.

Hoje a professora Almira está aposentada e não mora mais na comunidade, mais deixou boas lembranças no coração dos seus alunos. Tenho muito que agradecer a ela, pois apesar de todas as dificuldades da junção de séries que constituía a sala Multisseriada, sempre tentava fazer o melhor.

2.8. LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA DE UMA ALUNA DE SALA MULTISSERIADA DO CAMPO

Lembranças da vida no campo sim, em especial das brincadeiras no terreiro da casa de minha avó Sianina (in memoriam), como carinhosamente era conhecida por todos. As brincadeiras eram inúmeras, entre elas me lembro de chicotinho queimado, cabra-cega, baleô, caiu no poço, pega-pega e principalmente de três, três passará porque era a brincadeira que eu mais gostava de brincar.

Da brincadeira três, três passará, guardo boas recordações e lembro até hoje como era. Consiste em:

- Duas crianças de mãos dadas fazendo como se fosse um arco com as mãos. Elas, em segredo fazem algumas escolhas que pode ser frutas,

cores, etc. Por exemplo, uma criança que está de mãos dadas com a outra escolhe: 'eu sou maçã' e a outra 'eu sou morango'. Elas fazem isso em segredo e podem escolher entre cores também: 'eu sou amarelo' e a outra: 'eu sou verde'.

- As outras crianças que estão fora desse arco ficam em uma fila e vão marchando e cantando: -Três, três passará, derradeiro ficará. Elas terão que passar dentro do arco (formado pelas duas crianças). Em determinado momento, elas prendem a última criança (o 'arco se fecha') e perguntam ao seu ouvido sem que as outras ouçam: 'maçã ou morango?'. Dependendo da resposta ela ficará atrás da menina correspondente da fruta ou da cor. Assim que todas as crianças passarem pelo arco e fizerem suas escolhas, a criança que tiver o maior número de crianças atrás é a vencedora e pode pedir que a criança que tenha perdido pague uma prenda.

Já na escola também brincávamos de todas essas brincadeiras, mas a minha brincadeira preferida era baleô.

As regras para brincar o baleô consiste em:

- dividir o grupo em dois times. O jogador que estiver com a bola deve arremessá-la tentando acertar (queimar) uma pessoa do outro time. Quem for queimado sai do jogo. Vence a equipe que conseguir 'queimar' todo o time adversário primeiro.

Como a sala era Multisseriada, as crianças tinham idades bem diferentes, este era o problema, os conflitos já começavam na divisão das equipes, ninguém queria os pequenos na equipe, outro problema era que os pequenos reclamavam muito, porque eles eram os primeiros a sair da equipe.

Como não tinha um espaço de lazer na escola, nós usávamos um campo de futebol, que tinha na frente da escola. Este campo de futebol era o espaço de lazer da comunidade, na semana era usado pelas crianças pra brincar e nos finais de semanas pelos rapazes para praticar futebol.

Lembro também como eu me divertia nos banhos de riacho com minhas primas, e tomando sol nas pedras do tanquinho de ioiô. As brincadeiras das crianças do campo fazem parte da cultura de construção de significados, sentimentos e memórias

que ficaram sempre presentes na minha vida.

As lembranças dessas brincadeiras permaneceram vivas na minha memória, foram momentos de muitas alegrias e aprendizado.

2.9. NARRATIVA 2: CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA

Sou Jozely Samara Cardoso Santos e a minha história escolar teve início muito antes da construção do prédio existente hoje no Povoado de Mulungú. Segundo relatos da minha tia Gilvanete (Tia Vanda), primeira professora do povoado e da escola.

As aulas inicialmente aconteciam de forma particular onde os pais dos alunos pagavam para a professora Gilvanete dar aulas aos seus filhos. Ela ia na casa desses alunos ensiná-los diariamente. Somente tempos depois, no ano de 1986 as aulas deixaram de ser particulares e a prefeitura a contratou. Mesmo contratada pela prefeitura ainda não existia uma estrutura escolar, as aulas aconteciam debaixo de um pé de árvore e vez ou outra na casa dos alunos.

No ano de 1989, foi construído pela Prefeitura Municipal de Juazeiro na gestão do prefeito Joseph Bandeira um centro comunitário na comunidade, que seria utilizado também como escola.

Em 1991 uma outra professora chamada Josefa começou a dar aulas no Centro Comunitário. Nesse período a professora Gilvanete mudou-se para a cidade de Juazeiro para estudar e só retornou no ano de 1993. Após o retorno, as duas professoras passaram a dar aulas as crianças da comunidade até o ano de 1998. Após esse período a professora Gilvanete passou a dar aulas ao EJA – Educação de Jovens e Adultos e outras professoras passaram a dar aulas as crianças.

Após uma reforma o Centro Comunitário passou a se chamar Escola Municipal São Francisco de Assis. O nome da escola foi escolhido pela primeira professora da comunidade, Gilvanete. Ela atuou como professora de EJA até o ano de 2006.

2.10. A ESCOLA ANTES:

A escola quando frequentada pela pesquisadora era bem simples, além de contar com apenas um professor com uma turma Multisseriada. A comunidade que a instituição está localizada é bem pequena e conseqüentemente o número de alunos também é pequeno, por isso não tinha alunos suficiente para formar turmas divididas por anos escolares, formando assim uma única turma Multisseriada.

Nos anos que a pesquisadora estudou na escola (de 2002 a 2005), a estrutura da escola era composta de:

- Um banheiro;
- Duas salas de aula (só funcionava a maior que era chamada de salão porque era bem grande e servia de pátio também nos intervalos);
- Uma cozinha;
- Sala da secretaria (que era bem pequena e funcionava também como depósito de materiais e onde a professora tirava cópia das atividades com um mimeografo);

A escola tinha apenas professora, uma cozinheira que também fazia a limpeza da escola, uma gestora e uma vice gestora.

2.11. A ESCOLA HOJE:

Muitos anos depois de a pesquisadora sair da escola citada, ela passou por uma reforma onde foram construídas novas salas havendo uma boa renovada na estrutura.

A mesma hoje conta com:

- Um salão grande com ventiladores;
- Duas salas de aula com ar condicionado;
- Uma cozinha com dispensa;
- Refeitório;
- Sala da secretaria com ar condicionado;
- Almoxarifado;
- Dois banheiros (um masculino e um feminino);

- Bebedouro;
- Cisterna;

A instituição atualmente encontra-se bem organizada e sempre recebendo manutenções para manter-se em boas condições.

Hoje na escola funcionam duas salas de aula Multisseriadas, uma com alunos do Infantil III, IV e V e outra com alunos do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos. Conta com duas professoras e uma auxiliar de AEE (Atendimento Educacional Especializado), uma cozinheira que também faz a limpeza do local, um secretário, uma coordenadora e uma gestora. Além de um grupo de pais que participam das reuniões para prestação de contas da instituição.

Figura 3: Escola em que a pesquisadora 2 frequentou atualmente (2021)



Arquivo pessoal: Escola Municipal São Francisco de Assis (atualmente), Povoado de Mulungú, Distrito de Maniçoba, Juazeiro-BA.

2.12. A ESCOLA E O POVOADO:

A escola fica centralizada no meio do povoado e as casas dos moradores ao redor bem próximas. É bem interessante a relação dos moradores com a escola, os

pais sempre foram bem participativos, uma das vantagens das escolas do interior é isso, todos se conhecem, um manda recado pelo outro e os pais estão sempre presentes na vida escolar dos filhos.

É de suma importância a relação família- escola, dessa forma a aprendizagem é feita de maneira conjunta e a criança se desenvolve melhor, a escola e a família tem papéis distintos mas, se complementam. Gadotti (2007, pag.11) diz que,

A escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém. Ela é, ao mesmo tempo, fator e produto da sociedade. Como instituição social, ela depende da sociedade e, para se transformar, depende também da relação que mantém com outras escolas, com as famílias, aprendendo em rede com elas, estabelecendo alianças com a sociedade, com a população

Essa passagem de Gadotti (2007) mostra o quão é significativo a relação da sociedade com a escola e com a família. O quão necessário é essa parceria para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, pois a escola faz somente o seu papel e a família necessita fazer também o papel dela. Os moradores são bem unidos em relação a resolver assuntos da comunidade e apoiar uns aos outros em relação às famílias. Esse bom relacionamento começou desde os primeiros moradores e foi passado de geração a geração até os dias de hoje.

As reuniões da associação acontecem na Escola citada uma vez ao mês, sempre aos domingos. É uma associação organizada, onde os associados pagam suas taxas ao mês para as necessidades do povoado. É composto por um presidente, um vice-presidente, um (a) secretário (a) e um(a) tesoureiro(a). A comunidade é bem unida em relação às demandas do povoado.

2.13. MINHA INFÂNCIA NO CAMPO

Nasci e morei até os meus 21 anos num Povoado chamado Mulungú, Distrito de Maniçoba, Juazeiro-Bahia. Nasci e fui criada nesse povoado bem pequeno no interior, e quando falo que nasci foi porque nasci mesmo. Nasci em casa com a ajuda de duas parteiras da comunidade: minha Tia Auxiliadora (eu a chamo de mãe Doura, porque segundo os meus pais como ela ajudou no parto da minha mãe para eu nascer, ela era como uma segunda mãe para mim) e uma prima da minha mãe

chamada Iraci. Na zona rural era bem comum os partos das mulheres acontecerem em casa, pois nem sempre há tempo suficiente para chegar no hospital da cidade, por causa da distância e até mesmo pela falta de condições financeiras de alugar um carro para a parturiente até a cidade.

Eu sou a filha do meio, meus pais tiveram quatro filhos mas, hoje somos somente eu e minha irmã. Nós temos a diferença de quatro anos de idade, ela é a mais velha e eu a mais nova. Sempre fomos muito amigas e tivemos uma boa relação desde a infância. Ela por ser a mais velha gostava mais de ficar em casa, enquanto eu não perdia a oportunidade de brincar com outras crianças.

A minha infância no campo foi muito bem aproveitada, brinquei muito com meus primos, brincávamos de bolinha de gude, de baleô, de futebol, de empinar pipa, de pega-pega, andávamos muito de bicicleta...nos divertíamos muito. Mas, entre todas essas, a que não podia faltar era brincar de casinha de boneca com minha prima Josenilda (Nilda), todos os dias quando voltávamos a pé da escola, já combinávamos se íamos brincar na casa dela ou na minha. Era muito divertido, a minha tia Auxiliadora, mãe dessa minha prima, ela costurava roupas de retalhos para as nossas bonecas e brincava junto conosco. Nós nos sentávamos debaixo dos pés de catingueira e separávamos os cômodos da casinha com gravetos. Passamos muitos anos com essa rotina de chegar da escola, almoçar e ir brincar de casinha de boneca, vez ou outra brincávamos também de escolinha, onde uma de nós era professora e a outra aluna, claro que as duas queria ser a professora mas, íamos revezando hora ela era a professora e outra eu era. A vontade de ser professora existe desde a infância.

2.14. INICIANDO MINHA CAMINHADA ESCOLAR

Minha vida escolar iniciou-se no ano 2002, aos 5 anos (só fiz 6 anos em outubro daquele ano). Nós íamos a pé para a escola, pois era próxima de casa. Lembro-me até hoje do meu primeiro dia de aula, minha mãe foi me deixar na escola e ficou lá comigo um bom tempo até eu me acostumar com as outras crianças e ela conseguir voltar pra casa.

Eu estudei no pré (Hoje Educação Infantil) somente alguns dias e a professora me colocou na 1^o série porque segundo ela, eu era adiantada. A minha primeira professora se chamava Flávia, ela era uma profissional maravilhosa, carinhosa,

paciente, que transparecia o seu amor pela profissão. A sala era Multisseriada, a professora dividia o quadro em partes, onde cada parte correspondia a uma série.

Na segunda e terceira série minha professora se chamava Jucilene. Desse período me recordo mais, lembro-me da professora ensinando as sílabas, as operações matemáticas. Eu aprendia tudo muito rápido, meu pai sempre me elogiava e falava que eu iria ser doutora, porque segundo ele, eu era muito “sabida”.

Lembro-me também de um fato bem interessante em que na semana do aniversário da cidade de Juazeiro, a professora nos levou para uma aula embaixo de um pé de Juá, onde lá embaixo ela nos contou a história da cidade e o porquê recebeu esse nome. Nós fizemos um piquenique, cada aluno levou um lanche e sentamos embaixo do pé de Juá. Lá a professora nos explicou que a cidade recebeu este nome por causa das grandes árvores de Juazeiro existentes a beira do rio São Francisco, onde os navegantes encontravam os índios e os navegantes a muito tempo atrás. A esse lugar deu-se o nome passagem do Juazeiro. Devido ao cenário em que nos foi apresentado a história da cidade, ficou marcado nas minhas lembranças. Um momento em que saímos da escola para assistir a aula embaixo de uma árvore, foi o suficiente para ficar gravado na minha memória.

Essa experiência é semelhante a história que Paulo Freire no livro “A sombra desta mangueira”, conta. No seu primeiro capítulo ele descreve as lembranças da infância onde fez as suas primeiras leituras de mundo e da palavra, fez descobertas, embaixo de árvores da sua casa em Recife. Para o autor, A sombra desta mangueira é um lugar de aprendizagem, reflexões e boas lembranças. Em um trecho, Freire (1921-1997, pág. 39-40) diz:

O primeiro mundo meu, na verdade, foi o quintal da casa onde nasci, com suas mangueiras, seus cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, com suas jaqueiras e com suas barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas que, atraindo passarinho vários, a eles se davam como espaço para seus cantares. [...]o quintal de minha infância como que se desdobra ou vem se desdobrando em tantos outros espaços nem sempre necessariamente outros quintais. Sítios em que o homem de hoje, vindo em si o menino de ontem, aprende por ver melhor o antes visto.

Neste trecho percebe-se a importância das árvores do quintal da casa do autor, o quanto marcou a sua memória e lhe trouxe bons momentos. Associado ao momento em que vivi com a minha professora, a sensação é parecida.

Houve também outro momento em que na semana do folclore, ela nos levou

até a casa de um dos moradores mais velhos da comunidade, para que ele nos contasse as lendas da sua época, as brincadeiras, as histórias do seu tempo.

Essa professora procurava nos ensinar usando elementos do nosso convívio, procurava maneiras que nos fizesse aprender de maneira mais significativa com os moradores da própria comunidade. Em datas comemorativas a professora sempre buscava uma maneira de nos ensinar de forma mais concreta, não era só falar, ela nos fazia vivenciar o momento, seja nos levando a um lugar diferente, seja buscando pessoas para nos contar as histórias. Lembrando desses fatos, consigo relacionar o que hoje se discute na universidade como a Educação Contextualizada, onde ainda criança, eu aprendi vivenciando o momento concreto da aprendizagem a partir da interação proposta com sujeitos do meu entorno social.

Até porque a Educação Contextualizada busca facilitar a compreensão dos alunos em relação às coisas que ele necessita aprender, de uma forma mais simples e significativa. O professor procura “ajustar” os conteúdos e a sua prática de acordo com a vivência e a realidade do seu aluno. Se faz necessário trabalhar inicialmente com questões mais pertinentes a sua realidade, pois não faz sentido estudar sobre determinadas coisas que são diferentes da sua vivência e ao sair de sala de aula encontrar uma realidade totalmente diferente. Sobre isso, ARAÚJO (2009) *apud* COSTA (2017, pág. 111), diz o seguinte:

Para o homem que faz parte de determinado contexto, será mais coerente não fugir das ações de mudança que envolve a sua comunidade, pois essas mudanças irão marcá-lo e ditar normas culturais de comportamento, que lhes podem ser mais apropriadas, se ele não for aliado do processo, se puder fazer parte da elaboração dos produtos culturais inerentes à sua realidade.

Nesse trabalho defendemos a implantação de um currículo voltado para a Educação Contextualizada, principalmente nas escolas do campo, pois os materiais, os livros, as formações de professores são voltados na maioria das vezes para o público das escolas da cidade.

Talvez aquela professora a que me referi anteriormente, não conhecia sobre a importância da Educação Contextualizada nas escolas do campo mas, para os alunos teve um impacto muito bom.

A professora da quarta série também utilizava o quadro dividido em partes mas, não transparecia o mesmo esforço ou talvez a falta de experiência que a professora

anterior tinha para nos ensinar. Fazia tudo no automático. Lembro que a minha turma foi a primeira turma dela e ela não tinha Ensino superior, apenas o Ensino médio. Há anos atrás era bem comum os professores não ter Ensino Superior para assumir a sala de aula, pelo menos no interior acontecia muito isso. Bastava apenas uma indicação para se conseguir um emprego de professor.

2.15. ALUNA E TUTORA DA CLASSE MULTISSERIADA

A professora da turma sempre solicitava aos alunos que já tinham construído conhecimentos a respeito de determinado assunto, que ajudassem aos colegas que apresentavam dificuldades. Porém, a mesma deixava claro que os que sabiam, deviam ensinar os que não sabiam. Talvez sequer nem percebesse que a sua postura poderia inibir as aprendizagens dos que ainda não tinham construído aquele saber. Na realidade, se bem encaminhada pelo docente a função de um aluno pode contribuir com a aprendizagem do outro incentivando esse outro a aprender, ambos aprendem. Pois não aprendemos apenas com os professores. Quantas, e quantas vezes não ouvimos em nossas andanças em sala de aula a ajudar o outro e a aprender também. Pois, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2016).

E esse foi o meu último ano nessa escola que me traz muitas memórias boas e me despertou a vontade de ser professora.

2.16. MEUS PAIS MEUS MAIORES INCENTIVADORES

Meus pais eram e são até hoje comerciantes, minha mãe tinha um mercadinho e meu pai tinha um bar e era também motorista de transporte escolar. Transportava os alunos do fundamental II para as Escolas do Distrito de Maniçoba, no nosso povoado a escola era somente Educação Infantil e Ensino Fundamental II. Meu pai começou a transportar alunos em um Chevette porque eram poucos, depois quando aumentou os alunos era uma caminhonete C10 com uma capota (em alguns lugares chamam de pau de arara), depois trocou por uma Veraneio (era tipo uma caminhonete mas, era fechada e bem melhor por conta da poeira e em época de chuva a caminhonete era ruim porque os alunos se molhavam) e por último trocou por uma

besta, essa sim era confortável para os alunos, bem melhor do que os outros carros.

Meu pai trabalhou como motorista escolar pela prefeitura até o ano de 2009, a partir de 2010 ele começou a transportar alunos particulares do interior onde morávamos, passando por outras vilas até a cidade de Juazeiro.

Minha mãe é comerciante, ela tem um mercadinho ao lado de casa no mesmo povoado, e começou o comércio com o dinheiro do salário maternidade do meu irmão mais novo (in memoriam) e com metade do meu que ela tinha guardado, no ano 2000. Ela começou comprando um pouquinho de cada coisa e transformou um dos quartos da nossa casa em mercado, e anos depois ela conseguiu construir um ponto comercial maior, onde funciona até hoje.

Foi lá que coloquei em prática o que aprendi na escola, quando comecei a entender os números e a usar a calculadora já ajudava minha mãe no comércio dela, eu atendia os clientes desde muito pequena, quando eram poucas coisas eu atendia sozinha e quando eram muitas eu fazia as contas na calculadora e pedia pra minha mãe conferir se estava certo. Ela sempre me incentivou a aprender a fazer as contas, a vender. Não para me fazer trabalhar mas, para aprender na prática. Minha mãe sempre me incentivou a estudar, antes de me mandar fazer qualquer tarefa de casa ela sempre me perguntava se eu não tinha nenhuma atividade ou trabalho da escola para fazer, a prioridade sempre era os nossos estudos.

2.17. O INÍCIO DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO

No ano de 2010, tive a oportunidade de estudar na cidade de Juazeiro. Naquele ano, fiz minha matrícula e iniciei o meu Ensino Médio no curso de Magistério, hoje chamado “Formação Normal”, na Escola Normal Estadual Edvaldo Machado Boaventura. Foi nessa escola que adquiri os meus primeiros aprendizados sobre a profissão e sobre a educação. O curso tinha a duração de quatro anos.

No último ano (2013), fiz um estágio durante seis meses em uma escola particular, eu comecei como auxiliar de sala e um tempo depois a professora titular da sala necessitou de uma licença e eu com 16 anos de idade, assumi a minha primeira sala de aula. Eram oito alunos do 1º ano, eu não elaborava as atividades e nem as aulas, a professora do turno da manhã que fazia as atividades e os planos de aula e eu apenas adaptava para a minha turma. Fiquei como professora “titular” até o final do

ano, essa experiência durou quatro meses. Me formei nesse mesmo ano.

2.18. SEGUNDO PASSO EM BUSCA DO SONHO DE SER PROFESSORA

Depois de uma pausa, passei todo o ano de 2015 estudando para passar no ENEM e ingressar na Universidade. E em Agosto de 2016 iniciaram as minhas aulas na Universidade do Estado da Bahia, no curso de Pedagogia. Ali se iniciou uma nova fase, de muitos aprendizados e relembrando o que aprendi no Magistério. Estudei do 1º ao 5º período no turno da noite onde, fiz várias amizades que irei carregar para a vida toda, encontrei muitas pessoas que me influenciaram e me ensinaram muito com os seus exemplos de vida. Pessoas muito guerreiras e esforçadas que lutam com todas as suas forças para alcançar seus objetivos. No 5º período consegui um estágio remunerado na Prefeitura Municipal de Juazeiro – BA.

2.19. DE VOLTA AS MINHAS RAÍZES

No estágio a minha função era Professora de Apoio, eu trabalharia em três escolas diferentes auxiliando as professoras do 3º ano do Ensino Fundamental I. O objetivo era desse programa de estágio era fazer com que as professoras titulares da sala aproveitassem o momento em que a professora de apoio estivesse em sala para dar um reforço aos alunos que ainda não tinha desenvolvido ainda a leitura. O meu horário era organizado da seguinte forma: Segunda e terça na escola número 1, quarta –feira na escola número 2 e quinta e sexta na escola número 3, todas no horário da manhã.

A escola número 2 era a Escola Municipal São Francisco de Assis, a escola multisseriada onde iniciei a minha vida escolar e tinha voltado agora como professora de apoio. A turma do 3º ano de lá ainda é multisseriada até os dias de hoje. Na mesma sala tem alunos do 1º ao 5º ano.

Nesse período em que estive lá para auxiliar a professora, percebi o quanto é desafiador dar aulas a uma turma multisseriada. São cinco séries diferentes, são crianças com idades diferentes em um único espaço.

A maneira que a professora dava aulas é a mesma que minhas professoras usavam quando estudava nessa escola, ela divide o quadro em partes e cada série

tem a sua parte. Geralmente as crianças do 1º e 2º ano tinham basicamente os mesmos conteúdos então ficavam com a mesma parte do quadro, os demais cada série tinha a sua parte.

Observei a dificuldade que era explicar os conteúdos, pois enquanto a professora explicava para uma parte da turma a outra ficava dispersa, outras vezes ela fazia perguntas aos menores e os mais velhos que já tinham estudado o conteúdo respondiam atrapalhando a explicação da professora.

Outra ponto que percebi foi a questão da diferença de idades, os alunos do 5º ano são pré-adolescentes que já tem alguns pensamentos sobre namoro, as fases da adolescência e as crianças do 1º ano no mesmo espaço acaba por dividir conversas que não fazem parte da sua faixa de idade. É muito interessante a questão de os alunos aprenderem um com o outro nesse espaço e se faz necessário também que o professor esteja preparado para lidar com os desafios da diversidade de ideias dos alunos.

Outra questão é a prática pedagógica do professor, é de extrema importância que as aulas em uma turma multisseriada aconteça de forma a abranger a todos os alunos e nenhum ser prejudicado. É necessário que cada um aprenda e tenha atenção igual atenção do professor.

A professora relatava que ela sentia falta de assistência, de formações que a ajudasse a melhorar a forma de lidar com uma classe Multisseriada, por isso a prática pedagógica dela era a mesma utilizada a anos atrás, era a maneira que dava certo. Outro ponto é que a secretaria de educação manda os conteúdos de acordo com cada ano escolar e várias planilhas para serem preenchidas mensalmente e ela necessita fazer da forma como vem programado. Ou seja, a falta de espaço para o professor pode ser um problema, pois são tantas cobranças que falta tempo para incluir coisas novas na rotina dos alunos.

Uma vez por semana quando ia a escola, a professora deixava as atividades para os alunos e eu a professora de apoio ficava na sala com eles, enquanto ela levava os alunos do terceiro ano a outra sala para dar uma atenção a mais, reforçando a questão da leitura. Nas outras escolas que não eram Multisseriadas, eram apenas alunos do 3º ano, as professoras titulares chamavam apenas os alunos que ainda não tinham alcançado um nível desejável de leitura e iam para um canto da sala dar uma atenção maior para eles.

Além de ser muito gratificante estar nessa escola como professora, foi ainda

melhor por ser ainda uma sala Multisseriada. Tinha muitas dúvidas do porque as escolas Multisseriadas eram consideradas tão atrasadas em relação a turmas seriadas comuns. Vivenciando de perto a realidade do professor se nota o quão desafiador é lidar com a multiplicidade de idades e ideias num mesmo espaço. E se torna ainda mais desafiador quando além de multisseriada, a escola está localizada na zona rural, onde a escassez de informações, recursos e assistência por parte das secretarias é ainda maior.

3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o nosso percurso leitor na construção do texto, sentimos a necessidade de estabelecer pontes entre os aspectos educacionais da Educação do Campo, a Educação Contextualizada, classes Multisseriadas com documentos normativos, em paralelo com as reflexões das vivências das pesquisadoras enquanto alunas de Educação do Campo e de sala Multisseriada para chegarmos até o produto midiático, cordel.

Nesse sentido, é importante observar que nas Diretrizes curriculares da Educação do campo, PARECER CNE¹/CEB² Nº 1, DE 02 FEVEREIRO DE 2006, o artigo 28 a seguir diz:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:
I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
. (BRASIL, 2012, p.45/46)

Sabemos o quanto estas adequações como aponta o documento, fazem toda a diferença no resultado final do processo de ensino e aprendizado de cada aluno da escola do campo, em especial da classe multisseriada, porque somos oriundas dessa modalidade de ensino, sentimos na prática, enquanto alunas os desafios enfrentados por nossos professores da multissérie na viabilização do uso de estratégias para garantir a aprendizagem das crianças.

Com isso, a Educação do campo tem se tornado ao longo do tempo espaço de desafios e talvez por isso mesmo, um lugar de grandes aprendizados. Além dos ensinamentos do dia a dia da vida escolar, se aprende sobre os desafios e lutas que os trabalhadores e trabalhadoras do campo necessitam enfrentar diariamente. A Escola do campo é um lugar de fortalecimento das lutas, de se aprender muito mais do que na vivência do dia a dia. sobre isso, REIS (2004, pag.18) diz que,

(...) a educação ganha sentido e significado no conjunto de vivências que o grupo social vai desenvolvendo, e a escola passa a funcionar como mais um espaço de fortalecimento da luta, da formação das pessoas e da possibilidade de qualificação e ampliação dos saberes que já dominam no dia a dia e da socialização da matriz cultural da comunidade camponesa, sendo que nesse processo, o trabalho toma um significado especial e a terra passa ser o

sentido maior da sua existência.

Enquanto estudiosas dessa temática, verificamos o quanto pesquisadores da educação; o Plano Nacional de Educação; professores e gestores falam, propõem uma Educação para todos mas, a realidade é que as Escolas do campo recebem menos atenção em comparação as da zona urbana. Na busca dessa Educação para todos acaba que, os mesmos projetos e planos de aula ofertados para as escolas da cidade são levados para serem aplicados nas Escolas do Campo. O que não faz sentido porque a realidade é outra totalmente diferente, uma realidade bem distante do que eles vivem. Quando os professores apresentam os conteúdos que são voltados para os alunos da zona urbana na Escola do campo, despertam nesses alunos a curiosidade e a vontade de viver na cidade, imaginando que o campo é um lugar atrasado, sem muitas tecnologias, com pouco desenvolvimento, com culturas atrasadas e distante da modernidade. Assim, esses jovens perdem o interesse de viver no campo e passam a sonhar com a cidade. Como identifica ARROYO (2007, pag.158) :

Há uma idealização da cidade como espaço civilizatório por excelência, de convívio, sociabilidade e socialização, da expressão da dinâmica política, cultural e educativa. A essa idealização da cidade corresponde uma visão negativa do campo como lugar do atraso, do tradicionalismo cultural.

Como pensa o autor citado, o ensino oferecido na zona rural é muitas vezes precário por fatores como: a falta de acompanhamento da secretaria de educação que dificulta as visitas alegando a distância para se locomover até as escolas; o ensino em salas Multisseriadas que acontece quando não existem alunos suficientes do mesmo ano de escolaridade para formar uma turma; a falta de professores capacitados e que tenham realmente ligação com o meio rural e conhecimento sobre a realidade da vida no campo; entre outros.

Além disso, embora com todas as ações empreendidas, em muitos lugares o campo continua sendo visto como adaptação do urbano, como identifica ARROYO (2007, p.158):

A formulação de políticas educativas e públicas, em geral, pensa na cidade e nos cidadãos urbanos como o protótipo de sujeitos de direitos. Há uma idealização da cidade como o espaço civilizatório por excelência, de convívio, sociabilidade e socialização, da expressão da dinâmica política, cultural e educativa. A essa idealização da cidade corresponde uma visão negativa do

campo como lugar do atraso, do tradicionalismo cultural. Essas imagens que se complementam inspiram as políticas públicas, educativas e escolares e inspiram a maior parte dos textos legais. O paradigma urbano é a inspiração do direito à educação. Apesar de tudo, o campo e a diversidade de seus povos não são esquecidos. A palavra adaptação, utilizada repetidas vezes nas políticas e nos ordenamentos legais, reflete que o campo é lembrado como o outro lugar, que são lembrados os povos do campo como os outros cidadãos, e que é lembrada a escola e os seus educadores(as) como a outra e os outros. A recomendação mais destacada é: não esquecer os outros, adaptando às condições do campo a educação escolar, os currículos e a formação dos profissionais pensados no paradigma urbano. As consequências dessa inspiração no paradigma urbano são marcantes na secundarização do campo e na falta de políticas para o campo em todas as áreas públicas, saúde e educação de maneira particular. O campo é visto como uma extensão, como um quintal da cidade.

Essa passagem de Arroyo, fala da realidade dos sujeitos do campo que apesar de não serem tratados da forma como deveria, não são totalmente esquecidos mas, mesmo assim ainda faltam políticas públicas direcionadas especialmente para o campo.

Atrelada a Educação do Campo está a Educação Contextualizada, que se faz necessária para uma aprendizagem de forma mais significativa de acordo com a vivência de cada região.

A Educação Contextualizada tem a finalidade de aproximar a realidade do aluno, com as práticas educativas mas, para isto a escola necessita traduzir a realidade local, as crenças locais, a cultura, enfim valorizar, os saberes já existentes na localidade, fortalecendo a identidade dos alunos. Razão pela qual defendemos a Educação Contextualizada como uma importantíssima ferramenta, para formar sujeitos conscientes de sua realidade seja no campo ou na cidade. Esta interação que a Educação Contextualizada busca entre escola e comunidade é um modelo de ensino que visa estimular o aluno, a questionar, a buscar novos conhecimentos e sobretudo que este aluno tenha um olhar amplo de mundo, para buscar novos métodos de viver com qualidade no campo, para não precisar sair do seu lugar de origem, do aconchego da sua família e ir atrás de novas maneiras de sobreviver. Neste sentido, os autores Carvalho, Souza, Araújo, e Braga, (2015, p.285) afirmam:

A Convivência com o Semiárido traduz-se em um projeto de sociedade onde a contextualização é princípio educativo permanente. Considera a necessidade de se conhecer a fundo as diferentes realidades que conformam a região, bem como adentrar seus processos para com os sujeitos locais e construir possibilidades viáveis para o desenvolvimento de forma sustentável.

Deste modo, surge a necessidade de discutirmos as condutas curriculares da Educação Contextualizada, abordar como está sendo usado o livro didático, em especial nas salas de aula Multisseriadas, quais os desafios e possibilidades do seu uso nas escolas do campo e que aproximação da realidade dos alunos das escolas do campo estes livros tem? Para romper com os paradigmas de descontextualização dos conhecimentos oferecidos nas escolas do campo do município de Juazeiro- BA.

Na Educação Contextualizada a forma de vivência dos conhecimentos, é uma proposta curricular que vem resgatar e valorizar o estilo de vida do sujeito que habita no campo. Segundo Freire (1996, p.33).

Não é possível respeito aos educandos, a sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vem existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitas”.

No entanto, sabemos que ainda precisa ser muito discutida essa questão da contextualização no processo de ensino-aprendizagem, para que de fato possa contemplar os saberes do povo do campo na sua totalidade.

Nesta perspectiva é necessária a elaboração de um currículo em conjunto com a escola e a comunidade, que possa contribuir na valorização da identidade da população que vive no campo.

Também Nas Diretrizes curriculares da Educação do Campo, RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008; Art. 3º: “A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças” (BRASIL,2012, p.54). É com este argumento que surge a sala Multisseriada, e evita tirar as crianças pequenas do seio da sua comunidade, que no nosso entender pode ser muito positivo, deste que haja apoio técnico ,e financeiros e para estas pequenas escolas. Como defende o Art.10, da mesma resolução:

§ 2º As escolas multisseriadas, para atingirem o padrão de qualidade definido em nível nacional, necessitam de professores com formação pedagógica, inicial e continuada, instalações físicas e equipamentos adequados, materiais didáticos apropriados e supervisão pedagógica permanente (BRASIL, 2012, p.56).

No entanto, há um conflito entre a realidade e o que a resolução defende. Na maioria das vezes as escolas rurais não atendem nenhum destes requisitos previstos, e o processo de ensino aprendizagem é prejudicado.

Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária –Pronera: Decreto nº 7352 de 04 de novembro de 2010:

Art. 1º A política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto.

§ 1º Para os efeitos deste Decreto, entende-se por:

I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e
 II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

A população do campo enfrenta problemas na garantia do direito a educação de qualidade, para muitos, quando se fala em Educação do Campo, imagina-se logo um ambiente feio, sem potencial, pessoas analfabetas e ignorantes. Não enxerga que apesar de todas as dificuldades presentes, a escola rural é um ambiente cheio de saberes e valores locais que precisam ser respeitados e considerados na elaboração do currículo escolar.

A escola é uma ferramenta fundamental para desmitificar esta ideia de semiárido um lugar sem possibilidades e fazer com que os alunos se sintam parte do local do qual estão inseridos. A educação precisa estimular o aluno a enfrentar as dificuldades, a acreditar na potencialidade do seu chão. Oferecer sim novos conhecimentos que possam transformar a realidade deste povo, mas sem deixar de lado os saberes já existentes. Para isso, o professor precisa enxergar o aluno não como um depósito de conhecimento, mas como um sujeito que tem conhecimento e potencial para fazer do campo um lugar de beleza e riqueza como é de fato.

3.1.CONTEXTUALIZANDO SALA MULTISSERIADA

Segundo dados do Censo Escolar de 2011, 45.716 escolas do Brasil ainda possuíam salas multisseriadas, onde são ministradas aulas para alunos de diferentes idades e séries. Destas, 42.711 ficam na zona rural e 3.005 na

zona urbana – são 1.040.395 matrículas na zona rural e 91.491 na urbana. Deste total o estado Bahia possui 6.518 escolas com turmas multisseriadas, sendo 6.092 situadas na zona rural e 426 situadas na zona urbana (UOL,2013).

A classe multisseriada, objeto de investigação está muito presente no Brasil, a sobrevivência deste segmento de ensino, apesar de todos os avanços tecnológicos, se constitui principalmente por fator de localização geográfica das escolas rurais e pela a baixa quantidade de alunos. A continuação das classes multisseriadas, acaba sendo uma alternativa das secretárias de educação, para reduzir gastos e para não deslocar os alunos das suas comunidades em que vivem. Segundo MARTINS (2018, p.40):

A classe multisseriada é um modelo de organização da sala de aula no contexto escolar, com predominância nas zonas rurais e não apenas no Brasil. É considerada como alternativa pelas Secretarias Municipais de educação, na formação de uma única sala nos locais em que a demanda de alunos não é suficiente para a abertura de mais turmas.

Como afirma a autora citada, as classes multisseriadas não existem apenas no Brasil, com isso podemos perceber que é algo que existe também em outros países e mesmo assim não recebe a atenção necessária para uma Educação Multisseriada de qualidade, é tratada como algo pequeno, quando na verdade está presente em escolas de todo o Brasil.

A nossa compreensão quanto as escolas rurais, em especial as salas multisseriadas é a de que precisam ter um olhar diferenciado do poder público, respeitando as necessidades das dinâmicas que constituem a organização do ensino multisseriado. Só assim, é possível alcançar resultados positivos no desenvolvimento dos alunos. No argumento de (BARROS, HAGE, CORRÊA, MORAIS, 2015, p.32)

Entendemos, por fim, que se trata de elaborar uma proposta educativa que enfrente a precarização das condições existenciais da escola do campo, alicerçada na preocupação de elaborar um novo projeto de aprendizagem para essas escolas situado num campo aberto às necessidades populares de diferentes sujeitos, como também á construção de planejamentos no âmbito da relação entre poder público, sociedade e universidade.

Nessa dimensão que estamos discorrendo, sentimos que estamos pesquisando uma temática bastante complexa e que precisa de mais estudos no Brasil

e, principalmente na região de Juazeiro-BA. Sobre o quantitativo de turmas na cidade de Juazeiro-Ba, segundo MARTINS (2018, p.40, 41),

A Rede Municipal de Ensino contava em 2016 (dados preliminares), com um total de 138 (cento e trinta e oito) unidades escolares, seriadas ou multisseriadas. Em relação ao número de turmas multisseriadas distribuídas nesse quantitativo de escolas, a zona rural apresentava 267 turmas, e a sede de Juazeiro, 59, turmas totalizando 326 turmas com classes multisseriadas.

Como se pode verificar na cidade de Juazeiro-BA existia, no período apontado na citação, muitas escolas com turmas multisseriadas tanto na sede quanto na zona rural, onde se tem o maior número. Ressaltando que, não foi possível no momento da pesquisa coletar informações na Secretaria de Educação de Juazeiro, a respeito do percentual atual de turmas dessa modalidade mesmo tendo sido solicitado.

Apesar do grande número de escolas a qualidade da educação ainda necessita de melhorias, os professores de mais atenção dos poderes públicos em relação à qualificação e formações nessa área.

Assim como foi preciso referenciar o memorial, também foi necessário fundamentar o produto midiático com autores que tem estudos acerca da Literatura de Cordel.

3.2. CONTEXTUALIZANDO A LITERATURA DE CORDEL

Como um dos objetivos da pesquisa é a produção de um cordel, contextualizaremos esse gênero textual apontando inicialmente que, o Cordel é um poema que conta histórias ou notícias com rimas que diverte os seus leitores, com palavras do vocabulário popular, os versos chamam a atenção pela sua simplicidade. Para se fazer um cordel é necessário primeiro de uma história com início, meio e fim; as rimas; e as estrofes, que podem ser em quadra com quatro versos, sextilha com seis versos, septilha com sete versos e a décima com dez versos. Para a produção do nosso cordel usamos a sextilha. Neste estilo de estrofes os versos 1,3 e 5 não precisam rimar, já os versos 2,4 e 6 precisam rimar entre si. Para OLIVEIRA (2017, pág.3),

Um texto de cordel é uma poesia popular caracterizado por palavras que

formam versos com rimas. O Cordel brasileiro é oriundo de Portugal, porém os textos em Portugal eram voltados para a população da classe média e não necessariamente os textos eram produzidos em versos. (...) Enquanto no Brasil esta cultura era dirigida principalmente para pessoas analfabetas, desprovidas de instrução acadêmica. Um detalhe peculiar é que tudo (fatos históricos, políticos, sócias, religiosos, lendas, lições morais, etc.) era motivo para se fazer um cordel. O cidadão alfabetizado comprava os cordéis e recitava para os demais.

A Literatura de Cordel faz parte da cultura nordestina, com seus livretos vendidos geralmente nas feiras expostos em um cordão, os livros de cordel contam histórias de vida do povo nordestino através de versos com rimas. O Cordel foi escolhido como o produto midiático por se tratar de uma manifestação cultural que é mais explícita no Nordeste, que fala sobre muitas coisas, principalmente sobre histórias de vida do povo simples do interior. As pesquisadoras por serem da zona rural e terem passado pela simplicidade da vida do interior, escolheram o cordel para expressar as suas trajetórias estudantis em escolas na Educação do campo e turmas Multisseriadas. Além disso, SOUZA (2018, pág. 76) diz que:

A importância da literatura de cordel no espaço nordestino tem uma grande significação, pois a função ocupada por ela numa sociedade onde o livro era raro e o analfabetismo existia, era a de ser um recurso pedagógico. Eram os folhetos lidos pelos alfabetizados que possibilitavam conhecimento aos analfabetos.

O livro didático nas escolas do interior muitas das vezes é escasso ou pode não ter para todos os alunos, é bem comum a falta de livros. O livro de cordel pode ser usado como recurso didático e auxiliar no processo de ensino, além dos leitores se divertirem com seus versos engraçados pode também auxiliar na aprendizagem. SOUZA (2018) diz que “a literatura de cordel é uma das mais importantes manifestações de cultura popular brasileira, considerada também um legítimo objeto de ensino”. Pode-se usar os livros de cordel assim como os livros de literatura e poemas, é interessante incluí-los também como objetos de estudo.

Além de trazer histórias e contos, houve um tempo em que o cordel era usado como um meio de informação, no tempo em que as notícias eram mais difíceis para se chegar em alguns lugares, os livretos faziam o papel de informar. VIANA (2010), fala que:

Os folhetos já foram um dos principais veículos de informação quando ainda não existia o rádio e o jornal era um veículo escasso. O folheto era o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento

de todos. Eles estavam presentes nos mercados, nos serões familiares, nas feiras livres, na sua função social se modificou, começa a se transformar em livro didático utilizado para alfabetização (*apud* SOUZA, 2018, pág. 76).

Percebe-se o quanto importante é o cordel para os nordestinos, as suas funções que além de divertir e informar os seus leitores, traz aprendizados, incentiva a leitura e estimula o interesse pela cultura. É uma das manifestações culturais populares mais importantes na região Nordeste pela diversidade que podem falar nos seus versos.

De acordo com ALVES (2013),

Se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteve ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza (*apud* SOUZA, 2018, pág. 79).

O autor acima citado, traz a percepção da experiência humana, da experiência de vida que as pessoas têm e expressam isso nos versos do cordel. Não é só o aprendizado que se adquire na escola que é importante, a experiência da vivência conta muito, a história de vida e as aprendizagens passadas de geração a geração são evidenciados nos livretos.

O incentivo a cultura é de grande relevância nas escolas, a literatura de cordel é um exemplo de como influenciar os alunos a conhecer mais a fundo a grande diversidade cultural de onde vivem. Assis, Tenório e Callegaro (2012, p.4) dizem que:

A cultura é o que dá sentido a vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura e esta é a sua essência. A cultura é construída na vida em sociedade e é pelo meio social que a transmitimos e transformamos. As diferentes culturas interagem e a todo momento revelam traços uma das outras .

Como fala o autor acima citado, a cultura reforça a identidade dos povos, é uma representação do modo de vida. Particularidades encontradas na Literatura de Cordel, na valorização a cultura nordestina.

4. RESULTADOS DO CORDEL

O produto midiático (Cordel) resultado do nosso estudo é destinado a toda a sociedade, que defende uma Educação do Campo de qualidade. O nosso propósito é mostrar os dilemas presentes nas experiências das pesquisadoras enquanto alunas no Ensino multisseriado da Educação do Campo, de uma forma leve e descontraída, através da Literatura de Cordel, literatura de fácil acesso, muito presente na cultura popular do povo nordestino.

(Capa do cordel)



(Cleidiane ferreira da Silva)

A capa do cordel é uma representação fiel, do resultado das nossas narrativas. Duas alunas do campo que enfrentavam diariamente as diversidades do campo, para chegar até a escola.

Todo produto midiático foi produzido pelas pesquisadoras, o maior custo foi com intelecto, os gastos financeiros serão apenas da impressão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após todo caminho percorrido neste estudo, é chegado o momento de apresentar as certificações das verificações acerca do ensino multisseriado na Educação do Campo no município de Juazeiro-BA. Devido ao momento de pandemia que estamos vivendo, a alternativa foi analisar através de nossas histórias enquanto ex-alunas de sala multisseriada, os dilemas presentes neste processo de ensino.

Através de nossas narrativas é notório, as problemáticas que os professores enfrentam diariamente, a falta de infraestrutura, falta de materiais didáticos e principalmente ensinar as classes multisseriadas, ou seja, um único professor que é submetido a ensinar uma turma de vários anos de escolaridade no mesmo espaço e que muitas vezes ainda precisa realizar outras funções na escola, como faxineiro, merendeiro, secretário, etc.

Os objetivos foram alcançados, através das nossas experiências enquanto ex-alunas do ensino multisseriado da Educação do Campo que foram essenciais para compreender os aspectos educacionais da sua trajetória. Outra questão que ficou evidente nas nossas narrativas, foi o esforço das professoras para realizar uma Educação Contextualizada para seus alunos, mesmo com os livros didáticos totalmente fora do contexto do campo. Sem falar que foi muito prazeroso voltar ao passado da nossa história e reviver memórias que tinham ficado esquecidas entre as lembranças da infância, para produzir um cordel como produto midiático do nosso trabalho final de curso, muito gratificante saber que nossa história deixou marcas que vão ficar registradas.

Entendemos que a metodologia utilizada foi suficiente para realizar os procedimentos necessários no desenvolvimento do estudo. Até porque no momento difícil que estamos vivendo, foi a mais viável e possível de ser feita.

No decorrer do estudo encontramos excelentes bibliografias que nos ajudaram muito a concluir a pesquisa, no entanto, percebemos que os estudos relacionados ao ensino multisseriado e a Educação do Campo ainda precisam ser mais discutidos.

Em suma, a Educação do Campo ainda tem muito a desenvolver, precisa de políticas públicas que visem melhorias significativas, que valorizem a população do campo e principalmente acreditem no potencial do semiárido.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonçalves, CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna. **Apresentação**. In **Por uma educação do campo**. ARROYO, Miguel Gonçalves, CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna (orgs). 5. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p, 13.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de formação de educadores(as)do campo**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.

ASSIS, Regiane Alves de.;TENÓRIO, Carolina Martins.; CALLEGARO, Tânia. **Literatura de Cordel como fonte de informação**. CRB 8 Digital, São Paulo, 2012. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2018/08/pdf_e07e315c52_0000030764.pdf. Acesso em 07/06/2021.

BARROS, Oscar Ferreira, HAGE, Salomão Mufarrej, CORRÊA, Sérgio Roberto Morais e MORAIS, Edel. **Relatos de realidade das escolas do campo: multissérie, precarização, diversidade e perspectivas**. In Escola de direito: reinventando a escola multisseriada / Maria Isabel Antunes-Rocha, Salomão MUfarrej Hage (orgs),-1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.- (Coleção Caminhos da Educação do Campo; p. 31^a 32^a).

BRASIL, 2012. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo: PARECER CNE/CEB Nº 1, DE 02 FEVEREIRO DE 2006**. Disponível em <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf >ACESSO em 21/04/2021.

CARVALHO, Adébora Almeida R, SOUZA, Ivânia Paula Freitas de, ARAÚJO, Juscelita Rosa Soares F. de, BRAGA, Solange Leite de Farias. **Educação do Campo no contexto do semiárido: tessituras de um processo**. In Escola de direito: reinventando a escola multisseriada / Maria Isabel Antunes-Rocha, Salomão Mufarrej Hage (orgs),-1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.- (Coleção Caminhos da Educação do Campo; p. 285.

COSTA SILVA, L. P., Ribeiro Brito de Araújo, A. M., & Araújo, A. E. de. (2017). **A Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro como uma prática**

emancipadora. *Revista Brasileira De Educação Do Campo*, 3(1), 104-125. Disponível em < <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2018v3n1p104> > Acesso em 14 de março de 2021.

FREIRE, Paulo. 1921-1997 F934s. **À sombra desta mangueira** / Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. – 12. ed.- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019. 256 pags.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: IPF, Ed. Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar** / Moacir Gadotti. – 1. ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007. Livro digital disponível em < http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/bitstream/handle/7891/2773/FPF_PTPF_12_026.pdf > Acesso em 12 de março de 2021.

GESTRADO, 2021. Professor leigo. Disponível em < <https://gestrado.net.br/verbetes/professor-leigo> > (acesso em 17/04/21).

GONSALVES, E.P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3.ed. Campinas: Alínea, 2003).

HAGE, Salomão e ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (Org's). **Escola de Direito: Reinventando a Escola Multisseriada**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

MARTINS, Adeilda Ana da Silva. M378d **O diálogo entre a educação contextualizada e a aprendizagem nas práticas pedagógicas desenvolvidas em classes multisseriadas.** / Adeilda Ana da Silva Martins. --- Juazeiro, 2018. 191 fls.

MEC, 2012. **DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010:**O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>> ACESSO EM 22/04/2021.

OLIVEIRA, E.R. et. al. **Literatura de Cordel no Ensino de Química: abordando os conceitos através dos versos.** IV CONEDU. João Pessoa- Paraíba, 2017. Disponível em <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/37363> >Acesso em 15/05/2021.

RAMOS, Neila Cristina N. **As diretrizes curriculares da educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro**. Educação e contextualização: reflexões de um saber-fazer coletivo/ Edmerson dos Santos Reis, Adma Hermenegildo Rocha, Edilane Carvalho Teles, Francisca de Assis de Sá (orgs.) Curitiba: CRV, 2017. p. 28.

REIS, Edmerson dos Santos. **A contextualização dos conhecimentos e saberes escolares nos processos de reorientação curricular das escolas do campo** / Edmerson dos Santos Reis. – Salvador, 2004. P.18.

Souza, Eliseu Clementino. **O Conhecimento de Si: Narrativas do Itinerário Escolar e Formação de Professores**. Ed. Terra, 2004. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10267/1/Tese_Elizeu%20Souza.pdf> Acesso em 14 de maio de 2021

SOUZA, Luana R. dos Santos de. **Literatura de Cordel: Um recurso pedagógico**. In: Revista Científica da FASETE, UNEAL- Alagoas,2018.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **Os fins do trabalho docente**. In. O trabalho docente elementos para uma teoria da docência como profissão de interação humana/ Maurice Tardif, Claude Lessard; tradução de João Batista Kreuch. 9. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.195.

UOL, 2013.**Censo Escolar de 2011 do Inep/MEC...**Disponível em< <https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/01/15/brasil-tem-mais-de-45-mil-escolas-com-turmas-multisseriadas-educadores-veem-vantagens-no-modelo.htm> > Censo Escolar de 2011 do Inep/MEC... acesso em 23/04/2021

7. APÊNDICES:

CORDEL- O OLHAR NARRATIVO DE ALUNAS DA MULTISSÉRIE: PERCORRENDO CAMINHOS, REVELANDO HISTÓRIAS.

I

AMIGOS NOS DEEM PASSAGEM
DOS CAMINHOS DE DUAS ALUNAS
DA EDUCAÇÃO DO CAMPO VAMOS FALAR
E TAMBÉM DE SALA MULTISSERIADA
POIS A VIDA DA POPULAÇÃO DO CAMPO
NAS PESQUISAS PRECISAM SER ABORDADAS

II

NOSSA TRAJÉTÓRIA ESCOLAR NEM SEMPRE TEM
SÓ COISAS BOAS PRA COMPARTILHAR
NOSSAS HISTÓRIAS VÃO ALÉM
DE UM SONHO E DESAFIOS ENFRENTAR
É NÃO DESISTIR NA PRIMEIRA DIFICULDADE
PARA NO DESTINO CHEGAR

III

NASCEMOS E FOMOS CRIADAS NO SERTÃO
LUGAR DO AGRESTE INCULTO NO CORAÇÃO
CHEIO DE ENCANTO E BELEZA
MAS TAMBÉM DA SECA DA ESTAÇÃO
DA QUENTURA E BONITEZA QUE MESCLAM A VIDA
DOS NASCIDOS NO SERTÃO.

IV

FILHAS DE PAIS DEDICADOS E AMOROSOS
PRESENTES NA MORAL E NO ENSINAMENTO
CONTRIBUINDO ATIVAMENTE NA FORMAÇÃO
PARA NA VIDA SERMOS PESSOAS DE ENGAJAMENTO
PARA NO FUTURO CONQUISTAR O UNIVERSO
DO CONHECIMENTO

V

NA BUSCA DESSE TAL CONHECIMENTO
VENCEMOS A LIMITAÇÃO
DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E TAMBÉM DA MULTISSERIAÇÃO
PARA MELHORAR NOSSA VISÃO
DE QUEM NA VIDA QUER SER UM BOM VENCEDOR
E SE FORMAR UM BOM CIDADÃO

VI

EM CONDIÇÕES DE PRECARIIDADE
DAS ESCOLAS DO CAMPO MULTISSERIADA
SALA DE AULA EM ESPAÇO INADEQUADO
NOSSA APRENDIZAGEM FOI PREJUDICADA
E NOSSOS DIREITOS TIRADOS
EM UM PAÍS DE MUITA GENTE LEZADA

VII

DAS LEMBRANÇAS DE SALA MULTISSERIADA
OS PROFESSORES SÃO SOLITÁRIOS
TRABALHAVAM COM VARIAS SÉRIES EM UM MESMO ESPAÇO
PRECISAVAM SE MULTIPLICAR POR VÁRIOS
PARA DA CONTA DA TAREFA
EM UM ESPAÇO DE CONHECIMENTOS DIVERSOS

VIII

DAS ESCOLAS DO CAMPO
DAS PROFESSORAS FAZ TUDO
MERENDA, FAXINA E DEMAIS OFÍCIOS.
ELAS ESTÃO NO ENFRENTAMENTO
FAZERES NECESSÁRIOS NO FUNCIONAMENTO
E SEM RECEBER O DEVIDO RECONHECIMENTO

IX

GUERREIRAS PROFESSORAS
DE INADEQUADA FORMAÇÃO
COM POUCA HABILIDADE
QUE EXIGIA TODA A LEGITIMAÇÃO
DA TAREFA DE SER PROFESSORA
AGENTE ATIVO DA TRANSFORMAÇÃO

XI

PROFESSORAS QUE NA TENTATIVA DE ACERTAR
TRABALHAVAM A CLASSE MULTISSERIADA
POR SÉRIES, COMO SE FOSSE SERIADA
CADA SÉRIE ERA SEGREGADA
NO CONHECIMENTO E NO ESPAÇO
DA SALA MULTISSERIADA

XII

ENFRENTAMOS OBSTÁCULOS TODOS OS DIAS
PROFESSORES SEM PREPARO
PARA OS DESAFIOS DA SALA MULTISSERIADA
MAS QUE MERECEM TODO NOSSO AFETO
POR SEREM MESTRE DA SABEDORIA
JÁ TEM NOSSO RESPEITO

XIII

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA
OS PROFESSORES ATÉ TENTAVAM
DESCONSTRUIR UM ESTEREÓTIPO
MAIS OS LIVROS DIDÁTICOS NÃO AJUDAVAM
VALORIZAR A CULTURA E A IDENTIDADE DO LUGAR
A TRANSFORMAÇÃO QUE BUSCAVAM

XIV

DAS ESCOLAS DO CAMPO
A SOMBRA DAS ARVORES
O CENÁRIO MUDOU
AGORA OS ESPAÇOS ESCOLARES
TEM ATÉ O TAL DO COMPUTADOR
PARA FACILITAR A VIDA DOS EDUCADORES

XV

DO CAMINHO PRA IR PARA ESCOLA
 TEMOS MUITAS MEMÓRIAS
 DAS QUEDAS DO LOMBO DO JUMENTO
 SITUAÇÕES BEM VEXATÓRIAS
 MAS TAMBÉM BEM ENGRAÇADAS
 QUE RENDERAM MUITAS HISTÓRIAS

XVI

DA NOSSA INFÂNCIA TEMOS O MAIOR AMOR
 FASE COLORIDA DO CORAÇÃO
 DO GRAVETO A CASINHA SE FAZIA
 DEBAIXO DOS PÉS DE CATINGUEIRA DA ANIMAÇÃO
 A FANTANSIA ERA NOSSA MAIOR COMPANHIA
 DA CRIANÇA TUDO É EMOÇÃO

XVII

FOI TAMBÉM BANHO DE RIACHO
 QUE BANHAVA A CONFIANÇA
 DA NOITE DE CÉU ESTRELADO
 DAS BRINCADEIRAS NO TERREIRO DA LEMBRANÇA
 TUDO ERA ALEGRIA
 DA INFÂNCIA GUARDAMOS ETERNAS ESPERANÇA

XVIII

O SONHO DE SER PROFESSORA
 NÃO PODIA FALTAR
 NAS FANTANSIAS DE CRIANÇAS
 A VITÓRIA VAMOS ALCANÇAR
 COM MUITA PERSEVERANÇA
 POIS A LUTA NÃO PODE DESCANSAR

XIX

AS LEMBRANÇAS SÃO MUITAS
 DO NOSSO DESENVOLVIMENTO
 FOMOS FORTES E TAMBÉM VALENTES
 NA BATALHA DA SOBREVIVÊNCIA NO CAMPO
 QUE MALTRATA E FORTALECE
 A VIDA DO MATUTO

XX

AQUI VAMOS NOS DESPEDIR
E AOS QUE LERAM O CORDEL OBRIGADA
POIS DESTA ARTE AINDA SOMOS INICIANTES
MAS NAS RIMAS ESTAMOS LIGADAS
ISSO FOI QUE CONSEGUIMOS PRODUZIR
DA TRAJETÓRIA QUE FOMOS INSTIGADAS.

(Cleidiane Ferreira da Silva e Jozely Samara Cardoso Santos)

